

Ser professor nas representações sociais de docentes iniciantes de Educação Infantil

Being a teacher: social representations of beginning early teachers

Laeda Bezerra Machado¹

Alanna Tuylla Dantas²

Resumo: Este artigo identifica as representações sociais do ser professor construídas por docentes de educação infantil em início de carreira. Como referencial teórico, adotamos a abordagem societal das representações sociais. O artigo decorre de uma pesquisa qualitativa que envolveu 11 professores de instituições públicas de Recife. Utilizamos como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados com o auxílio do *software* Alceste. Os resultados indicaram representações sociais do ser professor como um sujeito proativo, que contribui para a formação do cidadão. Os participantes demonstram satisfação em realizar um trabalho mediado por brincadeiras e interações com crianças. Eles reconhecem a desvalorização da docência, mas desejam permanecer na profissão. Os resultados sugerem a implementação de políticas públicas que ofereçam maior apoio a esses profissionais.

Palavras-chave: Professor Iniciante. Educação infantil. Representações sociais.

Abstract: This article identifies the social representations of being a teacher built by early education teachers. As a theoretical framework, we adopt the societal approach of social representations. The article stems from a qualitative research project involving 11 teachers from public institutions in the Brazilian city of Recife. A semi-structured interview was used as a data collection instrument. The data was analyzed with the help of Alceste software. The results indicated social representations of being a teacher as a proactive subject, which contributes to citizens' education. Participants demonstrate satisfaction in performing work mediated by playfulness and interactions with children. They acknowledge the devaluation of teaching, but wish to remain in the profession. The results suggest the implementation of public policies that offer greater support to these professionals.

Keywords: Beginning teacher. Early education. Social representations.

¹ Doutora em Educação, professora Associado, vinculada ao Departamento de Administração Escolar e Planejamento Educacional e Programa de Pós-graduação em Educação - Núcleo de Formação de Professores e Prática Pedagógica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco, Brasil. Bolsista em produtividade de Pesquisa do CNPq. E-mail: laeda01@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Bolsista de Iniciação científica. Email: lana_figueiredo@hotmail.com

Introdução

Este artigo tem como objetivo identificar as representações sociais do ser professor construídas por docentes de educação infantil em início de carreira. O artigo é resultado de uma pesquisa mais abrangenteⁱ, cujos resultados indicaram representações sociais do ser professor como um sujeito proativo, que contribui para a formação do cidadão e que demonstra satisfação em realizar uma prática mediada por brincadeiras e interações com crianças pequenas. Os professores reconhecem a desvalorização da docência, mas desejam permanecer na profissão.

Há algum tempo desenvolvemos pesquisas com professores utilizando o referencial das representações sociais. Nesse percurso temos percebido que vários são os desafios enfrentados por docentes em início de carreira. Especialmente nas pesquisas sobre representações sociais e práticas na escola, temos detectado que os professores iniciantes na profissão são aqueles que indicam representações mais negativas da docência, os que consideram os conteúdos dos cursos de formação excessivamente teóricos e distanciados da realidade das escolas e, além disso, esses profissionais costumam minimizar sua contribuição para o desempenho de suas atividades docentes.

Em estudo sobre as representações sociais e práticas de professores de sucesso nos ciclos de aprendizagem (MACHADO; RAPOSO e CASTRO, 2015), não localizamos professores que fossem ao mesmo tempo considerados de sucesso e estivessem no início da carreira. Em geral os professores considerados de sucesso, ou seja, aqueles mais comprometidos com a aprendizagem dos estudantes e com uma visão positiva da docência, são os que já superaram o choque de realidade vivido no início da carreira docente. Garcia (1999 p. 28) denomina choque de realidade “o período de confrontação inicial do professor com as complexidades da situação profissional e as condições de permanência deste profissional na docência, apesar de todas as agruras que vivencia”.

Ao tratar sobre os diferentes estágios da carreira, Huberman (1995) caracteriza como inicial o período do ingresso até três anos de exercício profissional. Para o referido autor esse é o momento da docência no qual o professor se depara com a realidade, nem sempre a idealizada por ele em sua formação inicial, o que faz com que seus conhecimentos sejam colocados em xeque.

O estágio inicial da carreira é considerado por Garcia (1999 p. 113) como "um período de tensões e aprendizagens intensivas em contextos geralmente

desconhecidos durante o qual os professores principiantes devem adquirir conhecimento profissional além de conseguirem manter equilíbrio pessoal". A inserção na carreira docente, como salientam Lima et. al. (2006), é um momento peculiar, marcado por inúmeras dificuldades.

No Brasil a produção acadêmica sobre o professor iniciante tem crescido e os estudos do tipo estado do conhecimento sobre o tema revelam que, embora o campo da formação de professores venha ganhando cada vez mais destaque, a atuação no início da docência ainda tem sido uma temática pouco explorada no âmbito científico.

Dentre as análises da produção científica sobre a temática, destacam-se os trabalhos elaborados por Papi e Martins (2009), Corrêa e Portella (2012), Papi e Carvalho (2013), Cunha, Voltarelli e Costa (2013), e Machado (2017). As autoras dos referidos trabalhos reconhecem que a quantidade de estudos sobre o professor em início de carreira aumentou; no entanto, ressaltam que há uma concentração de estudos sobre a iniciação à docência nos primeiros anos do ensino fundamental e da educação superior. Diante disso, reiteram que há necessidade de novos investimentos em pesquisas sobre o início da docênciaⁱⁱ.

Em análise da produção sobre o tema, Papi e Carvalho (2013) abordam os enfoques das produções brasileiras sobre o professor iniciante publicadas em um evento internacionalⁱⁱⁱ. Estas autoras mostram que tais enfoques estão mais direcionados para explicitar as dificuldades e dilemas enfrentados pelos professores novatos na profissão do que para apresentar proposições que busquem minimizá-los.

Para a pesquisa que deu origem a este artigo, realizamos um levantamento bibliográfico a fim de atualizar o debate científico sobre o professor iniciante. Analisamos os resumos de teses e de dissertações sobre o tema contidos no banco da CAPES, tomando como referência o período que compreende os anos de 2013 a 2016. Os trabalhos selecionados importaram em um total de 54 produções entre 43 dissertações e 11 teses. A maioria das produções (45 trabalhos) foi desenvolvida em programas de pós-graduação em educação^{iv}. A revisão dessa literatura possibilitou uma aproximação mais segura com a discussão sobre o professor iniciante no país e reforçou que o processo de inserção na carreira docente constitui-se como uma etapa profissional peculiar. Nessa fase, há incertezas e inseguranças geradas em relação à teoria e à prática, bem como inúmeras descobertas e diferentes identificações com a carreira que repercutem

na relação do professor com o trabalho que desenvolve e os resultados dele provenientes.

As pesquisas analisadas têm crescido e revelam uma variedade de lacunas decorrentes da formação inicial do docente que vão implicar dificuldades a serem enfrentadas no início da carreira. Como reiteram os trabalhos, a entrada na carreira, geralmente, é um período de expectativas, marcado por sentimento de insegurança, incertezas, medos e a principal dificuldade desse período diz respeito à organização da prática pedagógica. Na maioria dos casos, tais dificuldades e dilemas estão associados às lacunas da formação inicial.

Nos enfoques metodológicos, a abordagem qualitativa é predominante nos estudos relacionados ao professor iniciante. Os sujeitos participantes dos estudos são professores que atuam em diferentes níveis e modalidades de educação e ensino, e estão com até cinco anos de exercício na docência, prevalecendo na produção científica pesquisas com docentes dos anos iniciais do ensino fundamental e educação superior. Com docentes iniciantes de educação infantil, foram localizados os trabalhos de Queiroz (2013), Cardoso (2013), Barros (2015) e Godeguez (2016). Tais pesquisas estão direcionadas a explicitar dificuldades e dilemas enfrentados pelos ingressantes ou analisam intervenções institucionais que visam a apoiar esses profissionais.

Na análise dessa produção não localizamos pesquisas fundamentadas na Teoria das Representações Sociais. Assim, ressaltamos que, ampliando o debate sobre o início da docência, procuramos identificar as representações sociais do ser professor construídas/elaboradas por docentes de educação infantil em início de carreira indicando consensos e variações desses elementos simbólicos.

A Teoria das Representações Sociais vem se disseminando em várias partes do mundo e tem sido tomada como referência para estudo dos mais diferentes fenômenos por estabelecer convergências com diversas teorias. Assim como tem dialogado com outros referenciais, surgem outras vertentes que aprofundam as ideias, os conceitos e os pressupostos originais de Moscovici, ou seja, florescem novos desdobramentos da grande teoria. Sá (1998)^v destaca três correntes, a saber: a original ou cultural, a abordagem estrutural e a societal. Provenientes de uma mesma matriz, tais correntes convivem pacificamente, sem que uma desautorize a outra, pois possuem pontos de articulação, confluências e alguns desacordos.

Doise (2002), inspirado em Serge Moscovici, apresenta um quadro teórico complexo e estimulante que articula o estudo de sistemas cognitivos no nível do indivíduo ao estudo dos sistemas relacionais e/ou sociais. Apoiar-se, ainda, em Henri Tajfel (1919-1982), que realizou diversas pesquisas fazendo análises e comparações entre grupos a fim de entender a construção da identidade e, também, em Jean Piaget (1896-1980), que, através de uma análise sócio-cognitivista, considera a intervenção do social decisiva para o desenvolvimento moral dos indivíduos. Esses dois teóricos serviram de referências para W. Doise, que com eles estabeleceu diálogos epistemológicos para a construção da abordagem societal das representações sociais.

A abordagem societal procura articular o individual ao coletivo, buscando interligar explicações de *ordem individual* com explicações de *ordem social* e, sobretudo, esclarece que os comportamentos, atitudes e práticas em sociedade são orientados por dinâmicas interacionais, valores e crenças. Como princípios geradores de tomadas de posição, as representações sociais estão direta e simbolicamente vinculadas à posição ocupada pelo sujeito no grupo (DOISE, 2002).

De acordo com Doise (2001, p.193), “[...] a Psicologia Social quase não construiu conceitos que permitam articular os funcionamentos cognitivos individuais com as dinâmicas sociais mais amplas, das quais participam os indivíduos”. E essa questão motivou suas investigações, na tentativa de superação dos limites da psicologia social relativas à dicotomia indivíduo e sociedade e, também, às análises sobre dissensos e consensos que estão presentes no indivíduo e nos seus grupos de pertença.

Tomando como referência W. Doise (2002), conceituamos representações sociais como princípios geradores de tomadas de posição dos indivíduos. Tais princípios estão simbolicamente vinculados à posição ocupada pelos sujeitos nos seus grupos de pertencimento. As representações sociais contribuem para definir um grupo social em sua peculiaridade e são instrumentos utilizados pelos indivíduos para compreensão e explicação da realidade na qual estão inseridos. Elas desempenham papel relevante na formação das comunicações, dos comportamentos, atitudes e ações sociais dos sujeitos.

Partindo do pressuposto de que a profissão docente é conflituosa e a entrada na carreira potencializa os conflitos vividos pelos docentes, o presente capítulo trata das representações sociais da profissão construídas por professores de educação infantil iniciantes na profissão. Reconhecemos que essa fase (pelos

conflitos, dilemas e incertezas gerados) é propícia à construção de representações sociais do ser professor e que tais representações, devido ao seu caráter funcional, contribuem para a tomada de decisões dos sujeitos frente à permanência ou ao abandono da profissão.

Metodologia

Estudos fundamentados na Teoria das Representações Sociais, em geral, adotam a abordagem qualitativa, uma vez que tal vertente lida melhor com os significados atribuídos a objetos diversos pelos sujeitos. Por se tratar de um estudo para identificar as representações sociais do ser professor construídas por professores de educação infantil em início de carreira, justificamos sua aderência à abordagem qualitativa.

Investigamos 11 (onze) professoras iniciantes que atuam em turmas de Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) e escolas municipais do Recife-PE. Do grupo de 11 entrevistadas, todas são graduadas em Pedagogia; sete possuem pós-graduação (no nível de especialização), e três docentes cursam mestrado. O grupo tem em média 27 anos de idade. Das 11 docentes pesquisadas, seis estão com até dois anos de profissão, três estão com três, e duas com até cinco anos de atuação na docência.

O instrumento utilizado para coletar os dados foi uma entrevista semiestruturada, recurso metodológico que se adequa aos nossos propósitos, pois, como admite Moscovici (1978), nas conversações são veiculados valores que permitem ao pesquisador se aproximar de objetos simbólicos, como as representações sociais. As entrevistas, guiadas por um roteiro organizado com base nos objetivos da pesquisa, duraram em média 25 minutos e foram gravadas com a prévia anuência das participantes.

Os depoimentos das entrevistas foram transcritos, editados e analisados com auxílio do *software Análise Lexical Contextual (ALCESTE)*. O programa foi desenvolvido na França nos anos 1970, e introduzido no Brasil no final dos anos 1990. Por meio dele é possível se fazer uma análise estatística de dados textuais.

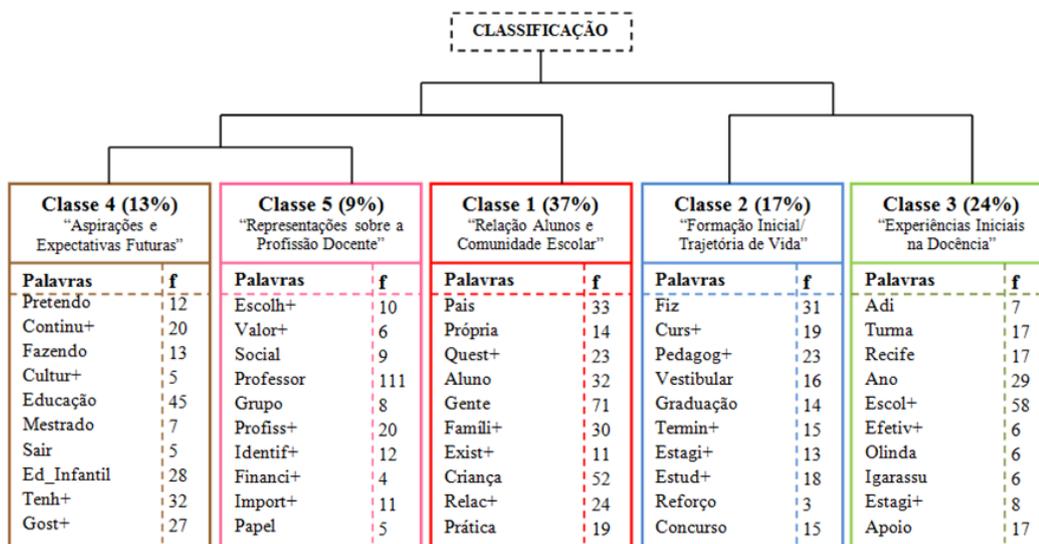
Resultados e discussão

Conforme anunciado, analisamos os depoimentos das professoras iniciantes de educação infantil sobre o ser professor com o apoio do programa Alceste. O *software* gera classes lexicais formadas por Unidades de Contexto

Elementar (UCEs)^{vi}. As classes são formadas por palavras de contexto similar e estáveis, ou seja, com vocabulário semelhante. As classes “podem indicar representações sociais ou campos de imagem sobre um dado objeto, ou somente aspectos de uma mesma representação social” (CAMARGO, 2005, p. 517). Em contato com os campos semânticos (palavras) e os respectivos contextos (UCEs) em que foram verbalizados, o pesquisador pode apreender as representações sociais subjacentes ao vocabulário exposto nas classes.

O dendrograma (Figura 1), exposto a seguir, é produto da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do material decorrente dessas entrevistas. Trata-se de um gráfico que mostra a fragmentação do *corpus* em cinco classes (grupos de palavras) correlacionadas. As classes foram denominadas com base no conteúdo das palavras nelas agrupado, a saber: Classe 1 - *Relação Alunos e Comunidade Escolar*; Classe 2 - *Formação Inicial/Trajatória de Vida*; Classe 3 - *Experiências Iniciais na Docência*; Classe 4 - *Aspirações e Expectativas Futuras*; e Classe 5 - *Representações sobre a Profissão Docente*. A seguir, apresentaremos a Figura 1 e trataremos cada uma das classes que, articuladas, demarcam as representações sociais do ser professor construídas por docentes iniciantes que atuam na educação infantil.

Figura 1 – Dendrograma referente à Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do corpus: entrevistas com docentes iniciantes de educação infantil



Fonte: dados da pesquisa

A primeira classe, denominada **Relação Alunos e Comunidade Escolar**, corresponde à maior parte do corpus analisado (37%) e organiza os depoimentos das entrevistadas relativos aos seguintes aspectos: interação com os pais dos alunos, atividades desenvolvidas em sala de aula, quantidade de alunos por

turma, não reconhecimento da participação da família e comunidade no trabalho docente.

Os depoimentos que influenciaram a formação da classe 1 correspondem às falas de professoras que têm entre dois e três anos de docência e idades entre 26 e 27 anos. As participantes afirmam que possuem uma relação tranquila com as crianças e suas famílias; contudo, se queixam da ausência e falta de acompanhamento de alguns pais e responsáveis no desenvolvimento das crianças, o que acarreta transferência de responsabilidades que, em geral, não lhes competem. Afirmou uma das participantes:

[...] Então, a gente tem um certo equilíbrio e uma relação profissional tranquila, agora a relação com os pais ela é tensa, tanto pela questão da comunidade que é complicada como já apontei, quanto pela própria transferência de responsabilidades. Por exemplo, ficar com a criança até altas horas ou levá-la pra casa porque a família esqueceu de pegá-la na creche. Isto acontece muito, criança com muita febre em sala... (PEI-05).^{vii}

As docentes ressaltam que desenvolvem seu trabalho com crianças pequenas e muitas vezes as famílias não percebem a importância e não fazem o devido acompanhamento nos mais diferentes aspectos. Segundo suas falas, procuram criar estratégias para se aproximar e incentivar a participação e o envolvimento das famílias nesse processo, mas nem sempre conseguem. Eis alguns trechos do que foi dito:

Eu me dou bem com todo mundo, inclusive meu horário é de sete e meia, mas eu só chego às sete, que é o momento que os pais tão entrando com as crianças, tenho a oportunidade de conversar com eles. (PEI-1)

[...] a gente tem mais dificuldade com os pais daquelas crianças que precisam de mais apoio. Porque quanto mais apoio precisam mais os pais se colocam ausentes. Eles não querem escutar que existe essa dificuldade e que nós precisamos do apoio deles direto, mas aí a gente vai driblando, de modo que as atividades em sala impactem a vivência na sociedade. (PEI-2)

As professoras comentam sobre a relação com os seus pares nas escolas, falam do apoio que recebem nesse período inicial da docência e afirmam que nem sempre estabelecem uma boa relação com todos da escola, pois há casos em que não se sentem bem acolhidas e orientadas pelos profissionais mais antigos. Portanto, sentem-se isoladas e sem suporte para se adaptar à rotina e aos processos burocráticos das instituições. Elas dão indícios de que nem sempre são bem aceitas e acolhidas nas escolas, o que vai contribuindo para estimular a

construção de representações negativas do ser professor, pois, conforme relatam, o grupo de professores mais experiente manifesta restrições para com as iniciantes na profissão.

Com base na literatura, podemos dizer que uma das principais inquietações vivenciadas pelo docente iniciante é a adaptação ao contexto institucional, que, na maioria das vezes, tem sido desconsiderada. A esse respeito Souza et. al. (2016) destacam que o aprendizado da docência inclui desde a adequação aos paradigmas educacionais vigentes, rompimento com alguns modelos e valores de ensino, até a construção do sentimento de pertença ao meio social. Segundo Tardif (2002), o saber dos professores é um saber social, porque é partilhado no conjunto dos docentes, está associado a um processo de negociação entre grupos e os sujeitos, objetos e recursos de trabalho.

Ilha e Hypolito (2014) destacam que parte da aprendizagem da profissão docente ocorre com o efetivo exercício profissional. Tal aprendizado se dá quando o conhecimento acadêmico e o saber construído no contexto escolar se articulam. Quando os docentes iniciantes não encontraram espaços nas escolas para a realização do trabalho coletivo, eles vivenciam uma situação de isolamento e desânimo para com o exercício profissional. Em análise da prática de docentes em início da docência na educação superior, Souza et. al. (2016) afirmam que a aprendizagem da docência é favorecida nas unidades universitárias. As experiências anteriores à docência, o compartilhamento de experiências de estudantes com professores, a participação em grupos de pesquisa e outras atividades acadêmicas aproximam docentes mais experientes dos que estão iniciando. No âmbito da educação infantil, investigação desenvolvida por Cardoso (2013) mostra que o isolamento docente e a ausência de trabalho coletivo na escola constituem alguns dos desencantos dos professores em início de carreira. Tal resultado se assemelha aos indicados pela investigação que deu origem a este trabalho, pois a maior parte das entrevistadas demonstrou sentimentos de não pertencimento ao grupo nas instituições em que atuam.

A segunda classe, **Formação Inicial/Trajectoria de Vida**, corresponde a 17% do corpus das entrevistas analisadas e organiza os depoimentos acerca da escolha da profissão e o percurso na formação inicial. Conforme disseram algumas das participantes, elas tentaram ingressar em outros cursos antes de optar pela graduação em Pedagogia; no entanto, não obtiveram sucesso; outras já trabalhavam na área educacional^{viii} e sentiram a necessidade de buscar um suporte teórico para exercer melhor sua atividade. Algumas dessas professoras

comentam que são as primeiras de suas famílias a terem acesso a um curso de graduação, o que é considerado por elas como uma grande conquista.

Dentre as 11 professoras entrevistadas, seis delas não tiveram a docência como primeira opção inicial de carreira, ou seja, elas aderiram à docência em um segundo momento de suas vidas. Mury (2011) usa o termo aderência para se referir a um campo de escolhas possíveis no qual o magistério se mostrou viável para a inserção no mercado de trabalho. A aderência supõe certa motivação para o aprofundamento de estudos a partir das demandas decorrentes do exercício profissional. Citamos dois trechos de suas afirmações que sugerem aderência à profissão docente:

[...] Eu fui trabalhar coordenando um projeto na área de educação e aí comecei a sentir uma falta de um suporte pra até mesmo dar certeza nas práticas que eu exercia e fiz vestibular novamente para pedagogia. (PEI-11).

[...] Então eu entrei na área de ensino, mas nunca foi uma coisa muito estudada, querida, eu queria essa área, né?! (PEI-2).

Detectamos, nos depoimentos, que o magistério mostrou-se uma escolha a posteriori, aqui compreendida como um processo de aderência vivido, como diz Mury (2011), durante a formação e o exercício docente. As professoras citam a experiência de estágio curricular como relevante para permanecerem ou não na profissão e falam dessa experiência como uma oportunidade para conhecimento da rotina docente e do manejo de classe. Destacam a dicotomia entre teoria e prática no curso de formação, contudo ressaltam que, mesmo assim, a formação acadêmica inicial foi importante para a preparação e submissão a concurso público na área em que atuam. Segundo elas, o ser professor é um aprendizado que só se adquire no exercício da profissão. A esse respeito dizem:

A parte de conhecimento pedagógico você sai perfeito e quando você vai fazer um concurso você já está bem preparado, eu fiz a prova e me senti bem preparada pra explicar, mas a sala de aula realmente tem esse ponto negativo. É na prática mesmo que se aprende a lidar (PEI-8).

Até porque na época de faculdade os estágios eram mais de observação, de projetos, explicação... Minha atuação mesmo começou depois que terminei a faculdade, eu não tinha tanta experiência até para coisas assim detalhadas que na faculdade você não aprende como "bom dia, coleguinha", abertura de aula, lidar com certas birras, então a gente aprende vivenciando. (PEI-1).

Os cursos te dão o pontapé, mas eles não mostram o que realmente a prática precisa, os teóricos tão ai eles balizam é... Teorias, pensamentos, mas muitas vezes desconexos do que você faz na sala de aula. (PEI-2)

Apesar da importância da formação para obtenção das credenciais que garantem o ingresso na profissão, para as entrevistadas são os saberes experienciais, aqueles que não se adquirem nas instituições e por meio de seus currículos, os mais atualizados e necessários à prática docente. Conforme Tardif (2002), no início da carreira os professores acumulam uma experiência fundamental que tende a se transformar, posteriormente, em *habitus* docente, ocasião na qual questionam a rotina acadêmica a que foram submetidos. Em pesquisa com professoras iniciantes de educação infantil, Barros (2015) reitera o exercício da prática para aprendizagem da docência. Estudos com docentes iniciantes no ensino superior, como o de Souza et. al. (2016), mostram que esses professores se queixam dos conhecimentos pedagógicos e teóricos advindos da formação inicial, considerados como insuficientes ou muito afastados da realidade escolar.

Ainda referente ao conteúdo da classe 2, as professoras iniciantes de educação infantil reconhecem o aprendizado adquirido na formação inicial com forte carga teórica. Tal reconhecimento corrobora Giovanni e Marin (2014), e Barros (2015). Para esses autores, os professores iniciantes chegam aos locais de trabalho tendo muito o que aprender em relação aos seguintes aspectos: entorno da escola, regras, normas, horários, fonte de informações/comunicações institucionais, turmas que irão assumir e a diversidade com que irão lidar na escola e sala de aula. Apesar de relevantes para o exercício da profissão, vários desses aspectos não têm sido abordados na formação inicial, que não tem conseguido articular, de maneira suficiente, teoria e prática.

As participantes desta pesquisa afirmaram que a profissão requer estudo e aperfeiçoamento constantes que lhes possibilitem aprender a lidar com as adversidades cotidianas do trabalho docente. Como já dissemos, quase todas as entrevistadas tinham concluído pós-graduação ou estavam cursando, e citaram a relevância de esses estudos estarem aliados à prática e à vivência nas escolas. Mostram-se motivadas e interessadas em persistir nos estudos e desejam participar de eventos formativos que sejam direcionados à educação infantil. Sobre isto comentam:

Então é difícil mediar os conhecimentos da graduação, da pós-graduação, se não for uma formação pautada na realidade

construída a partir do dia a dia, não tem como, se não há conexão, se perde, não tem sentido (PEI-02)

[...] Essa de arte educação na educação infantil fiquei doidinha, foi maravilhoso, dizia eita! Vou fazer isso na minha sala! Fazia, filmava e mostrava aos professores, eles ficavam doidinhos! Fiz uma bandinha de música, ai teve a de artes visuais, com tinta. Estimula né! Você fica mais motivada. Muito interessante o trabalho com arte na educação infantil. Eu me empolgo toda. (PEI-04)

Entendemos que os processos formativos devem considerar mudanças na relação entre educação e sociedade e, também, deverão ser capazes de refletir sobre o papel da escola na atualidade. De acordo com Ilha e Hypolito (2014), os professores buscam diferentes alternativas para enfrentar os desafios. Para isso procuram rememorar/rever os conteúdos de sua formação inicial e investem nos processos formativos, por exemplo, em espaços formativos que possam auxiliá-los no enfrentamento aos desafios da docência.

A terceira classe, **Experiências Iniciais na Docência**, corresponde a 24% do corpus analisado e organiza os depoimentos relacionados à entrada na carreira, os sentimentos e pontos marcantes dessa fase inicial. Na classe 3 há uma concentração das falas dos professores que eram mestrandos e, no geral, eles relatam o apoio da universidade, das pesquisas e dos estudos que desenvolvem para as suas práticas nas escolas. Sobre os sentimentos que marcam o ingresso na docência, umas relatam que se sentiram importantes por serem responsáveis pela aprendizagem de um grupo de crianças pequenas e outras sentiram desespero ao lidar com esse grupo. Algumas comentam que foram colocadas em turmas complicadas, em escolas de difícil acesso e tiveram problemas com as próprias crianças e suas famílias. A esse respeito disseram: “[...] ela formou uma turma com vários problemas e me deu. Foi uma experiência muito difícil”. (PEI-11). “[...] foi um pouco difícil porque era uma comunidade muito complicada, que criava muito problema com a escola e professores, crianças com muitos problemas”. (PEI-07).

De acordo com Lima (2004), a fase inicial de ingresso na carreira, marcada pela passagem do ser estudante para o ser professor, faz-se por meio da realização de atividades de estágio e prática de ensino, que nem sempre contribuem para evitar o choque de realidade. Outros estudos sobre a inserção profissional na carreira docente, como os de Conti (2003), Donato; Ens (2009), Nono (2011), Cardoso (2013), demonstram situações de sofrimento e mal-estar decorrentes do esforço e das tentativas de adaptação ao trabalho por parte dos

professores. O esforço afetivo, emocional e cognitivo empregado não tem dado retorno visível e imediato para os docentes. Giovanni e Marin (2014) propõem a oferta de programas de iniciação para professores principiantes como uma estratégia capaz de minimizar os problemas por eles enfrentados.

A quarta classe, **Aspirações e Expectativas Futuras**, corresponde a 14% do corpus analisado e organiza depoimentos relacionados ao futuro e perspectivas dos professores iniciantes de educação infantil com a profissão. As palavras que compõem a classe 4 estão relacionadas aos desejos profissionais futuros, à decisão de permanecer ou não na docência. Por isso, o destaque para os termos *continuar* e *sair*.

Conforme os dados agrupados na classe 4, as entrevistadas assumem que desejam continuar na área da educação (oito delas desejam permanecer como docente de educação infantil); três pretendem atuar no ensino superior ou assumir a função de coordenação, e apenas uma professora pretende mudar de área. Afirmam: “Tenho muita vontade de assumir uma coordenação pedagógica”. (PEI-06). “Tenho algumas conexões da área da cultura, museu... São alguns planos futuros que penso”. (PEI-11). “Eu me realizo na educação infantil e mesmo que paguem mal, que não seja um trabalho reconhecido, mesmo com os problemas que tem, mas eu quero continuar professora de educação infantil” (PEI-01).

Sobre as perspectivas futuras em relação à profissão docente, as professoras têm baixa expectativa devido à desvalorização e falta de reconhecimento social do valor dos professores. Fazem referências a acontecimentos negativos envolvendo a profissão ocorridos no Brasil e não enxergam um futuro profissional positivo devido ao quadro da sociedade atual. Comentam:

Quero que melhore, mas fazendo uma leitura do cenário atual, eu não vejo grandes melhorias. O governo de São Paulo está querendo fechar não sei quantas escolas e o processo de resistência lá, talvez sejam essas atitudes de luta que impulsione uma valorização da educação. Mas não tenho muita esperança não! (PEI-07).

Não sei como será esse futuro do professor, se você fala aqui no Brasil onde a profissão é muito desvalorizada... Em outros países já não é assim. (PEI-06).

Os dados agrupados na quarta classe corroboram Gatti e Barretto (2009), quando afirmam que apenas para uma pequena parte do professorado o salário

é um complemento à renda familiar, pois para a maioria o salário é destinado à manutenção da família, que dele depende, em escala cada vez maior. Na mesma direção Giovanni e Marin (2014) consideram que a docência parece eternizar as mesmas dificuldades, independentemente dos níveis escolares ou componentes curriculares. Segundo as autoras, as condições materiais e estruturais das escolas limitam o exercício da profissão docente, engessando práticas e “roubando” no dia a dia a motivação dos professores, assim como suas expectativas de realização profissional.

A quinta e última classe, denominada **Representações sobre a profissão docente**, corresponde a 9% do corpus analisado, organiza os depoimentos relacionados ao ser professor. Na classe 5 estão localizados termos referentes à profissão que dialogam com dados das classes anteriores, por exemplo, os agrupados na classe 4. Esta classe oferece mais elementos para a apreensão da representação da profissão docente. Os entrevistados, embora satisfeitos com a docência, relacionam o ser professor à desvalorização. Eis o que afirmam algumas das docentes:

Você tão nova escolhe ser professora! Você não combina com o ser professora.. Então já escutei muito isso e venho escutando, mas as pessoas acabam desmitificando porque sabem que eu me identifico com a profissão, que eu gosto do que faço (PEI-09).

A minha esperança é que um dia as pessoas digam: “nossa! Que maravilha você escolheu ser professor”. Ao invés de falarem “poxa que profissão horrível tu escolheu”! (PEI-05).

Então, a gente não tem essa valorização, tanto que é uma das funções mais mal pagas. (PEI-01).

Muito eu já ouvi de crítica, porque as pessoas achavam que eu tinha potencial para ser outra coisa que não fosse professor. (PEI-05).

Segundo Giovanni e Marin (2014), aqueles que pretendem exercer a docência enfrentam mensagens desestimuladoras, preconceituosas e de desprestígio em relação à profissão. Tais mensagens circulam de forma sutil ou explícita no interior dos cursos, nos círculos de convivência e ainda são veiculadas nos próprios espaços de formação. O ser professor é também associado à responsabilidade social, uma profissão que influencia e modifica a vida do outro. Sobre a profissão as entrevistadas afirmam: “[...] ser professor não é apenas no sentido do conteúdo, mas uma responsabilidade social que expande o valor da profissão” (PEI-05)”. “[...] ser professor é você justamente dar sentido à vida de alguém”(PEI-04). “No momento que eu pesquiso, que eu observo a

prática, que eu estudo eu me vejo também no papel de professora” (PEI-09). “Professor pra mim é poder participar ativamente da construção do cidadão” (PEI-08).

Conforme demonstraram essas professoras, o trabalho com os alunos e as suas aprendizagens trazem esperanças e motivação para persistirem no exercício da docência. Como afirma Doise (2002), as representações dependem diretamente das relações dos sujeitos com os seus grupos de pertença. As interações grupais são definitivas para manter a especificidade e a identidade dos sujeitos. A partir deste autor procuramos identificar o que era consensual e as variações nas representações das professoras iniciantes de educação infantil entrevistadas.

Assim, foi identificado como consenso representacional no grupo pesquisado o interesse e gosto por desenvolver as atividades profissionais com crianças pequenas. As professoras destacaram, ainda, a desvalorização profissional e a ausência de parceria com as famílias como obstáculos à docência na Educação Infantil. Assim, constituem elementos de consenso nas representações sociais do ser professor das docentes investigadas: prazer em trabalhar com crianças pequenas; precarização e desvalorização social do professor; e apoio limitado das famílias para o desenvolvimento do trabalho que, segundo as participantes, deveria acontecer de modo corresponsável.

Detectamos que as professoras com mais de 29 anos de idade, com entre 4 e 5 anos de profissão, e que não tiveram a docência como primeira opção, são as que possuem representações mais positivas da docência. Elas se reconhecem como ativas no desenvolvimento de suas práticas. Afirmou uma delas: “Sendo professor você vai conseguir dar um sentido na vida de alguém, entendeu como é?” (PEI-04).

As professoras mais jovens buscam suporte e apoio para suas práticas na formação recebida na universidade. Elas tendem a valorizar mais as aprendizagens acadêmicas, especialmente a pesquisa, e consideram que essa atividade alimenta suas práticas. Afirmam:

As formações contribuem positivamente, mas justamente porque tendo um processo de reflexão entre a teoria e a prática. Para mim, essa questão é constantemente resinificada pelo que eu vivencio, pela minha relação com a pesquisa. (PEI-05).

As discussões que eu tenho no grupo de pesquisa movimentam minha prática, a gente tá vendo várias coisas do uso de recurso de didático aí vou vendo... Pôxa! Não tô fazendo isso. No momento que eu pesquiso, que eu observo a prática eu me vejo também no papel de professora também que tô atuando e tem coisas que eu não consigo fazer. (PEI-09)

Particularmente as professoras iniciantes de educação infantil que estavam cursando mestrado enfatizam o papel da pesquisa como um complemento que facilita a prática em sala de aula. Afirmam uma das entrevistadas: “[...] No momento em que eu pesquiso, que eu observo a prática eu me vejo também no papel de professora, também que estou atuando e tem coisas que eu não consigo fazer”. (PEI-9).

As demais professoras iniciantes investigadas revelam buscar orientações para as práticas em *sites* da internet. Elas dizem que nesses espaços pesquisam sobre planos de aula, atividades, brincadeiras e adaptam o material que encontram às suas turmas de educação infantil.

Em consonância com Doise (2002), quando afirma que as representações sociais não são criação de um indivíduo isolado, mas marcadas pelos seus grupos, podemos admitir que as variações localizadas nos depoimentos estão relacionadas a três variáveis: formação acadêmica, tempo de exercício no magistério e faixa etária. O pertencimento das professoras iniciantes de educação infantil a subgrupos variados fez com que percebêssemos discretas variações ao se manifestarem acerca do ser professor.

Quanto às expectativas de permanência na profissão, a maioria das docentes se mostra satisfeita por atuar na educação infantil e deseja permanecer trabalhando com crianças. Percebemos que as docentes que não desejam continuar são as estudantes de mestrado, que almejam lecionar no ensino superior, nível educacional que goza de maior valorização e reconhecimento social.

Em síntese, detectamos que as professoras iniciantes de educação infantil representam a profissão docente como uma profissão importante, porém desvalorizada. Também é compartilhada pelo grupo uma representação social do professor como um sujeito socialmente importante, responsável pela melhoria da sociedade, alguém que contribui para a formação do cidadão.

Reconhecemos que, apesar das dificuldades, as professoras iniciantes investigadas pretendem continuar no exercício da docência e se consideram satisfeitas por atuarem com crianças pequenas, principalmente porque conseguem administrar com mais facilidade casos de indisciplina, o que não ocorre, segundo elas, com aqueles profissionais que atuam com crianças maiores e adolescentes.

Considerações finais

Os resultados da pesquisa sobre produção científica que enfoca o professor iniciante são reafirmados e aprofundados pelas constatações tratadas neste trabalho, pois os primeiros anos da docência se caracterizam por sua relevância para a aprendizagem e, conseqüentemente, para a construção do alicerce que envolve esse campo profissional. No grupo de professoras iniciantes da educação infantil investigado há um consenso em relação aos desafios enfrentados no princípio da carreira, tais como: trabalho individualizado; falta de cooperação dos colegas e das famílias das crianças, inexperiência para lidar com as turmas, precarização das escolas, desvalorização e falta de reconhecimento social do docente.

Na sua abordagem, W. Doise centra suas preocupações no estudo da influência dos grupos de pertencimento do sujeito para a construção de representações sociais. Procura articular o indivíduo ao coletivo, busca interligar explicações de ordem individual com explicações de ordem social, enfatizando que os mecanismos usados pelos sujeitos para viver em sociedade são orientados por dinâmicas interacionais, valores e crenças. O que identificamos como representações sociais do ser professor das docentes iniciantes na educação infantil foram predominantemente elementos de ordem objetiva, relacionados ao dia a dia da profissão e à sua função social. As discretas variações das representações do grupo estão ligadas à faixa de idade e à formação acadêmica.

Os depoimentos das entrevistadas sugerem representações sociais do ser professor como um sujeito proativo que contribui para a formação do cidadão. As professoras demonstram satisfação por realizar seu trabalho, que tem sido mediado por brincadeiras, jogos e interações com crianças. Elas reconhecem a desvalorização e falta de apoio das famílias, o desafio do trabalho coletivo nas escolas e a ausência de acolhimento nessas instituições como os maiores obstáculos vivenciados no exercício da profissão docente. Mas, a despeito dessas dificuldades, cultivam o desejo de permanência na docência.

Admitimos que os resultados da pesquisa apresentados neste artigo são relevantes para a formação de professores e suscitam reflexões acerca da implementação de políticas públicas que venham a oferecer apoio e acompanhamento aos profissionais que estão iniciando a carreira docente e atuam em instituições de educação infantil.

Referências

- BARROS, B.C. **Ser professora iniciante na educação infantil: aprendizagens e desenvolvimento profissional em contexto de enfrentamentos e superações de dilemas.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho/Araraquara-SP. 2015.
- CAMARGO B. V. ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: MOREIRA A. S. P. (Org.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais.** João Pessoa: UFPB/Ed Universitária. 2005. p. 511-539.
- CARDOSO. V. D. **Programa de acompanhamento docente no início da carreira: influências na prática pedagógica na percepção de professores de educação física.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma-SC 2016.
- CONTI, C. L. A. **Imagens da profissão docente: um estudo sobre professoras primárias em início de carreira.** 2003. 177 f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas-SP, 2003.
- CORRÊA, P. M; PORTELLA. V. C. M. As pesquisas sobre professores iniciantes no Brasil: uma revisão. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 15(2): 223-236, 2012.
- CUNHA, R.C. VOLTARELLI, M. A; COSTA, C.S. Pesquisas sobre o professor iniciante no programa de pós-graduação em educação da UFSCAR: o estado do conhecimento de 2000-2010. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 2, n. 3, jul./dez. 2013.
- DOISE, W. Da psicologia Social a Societal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.18, n.1, 2002. p. 27-35.
- DOISE, W. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, Denise. (Org) **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 187-204.
- DONATO, S P; ENS, R. T. Representações sociais do ser professor no contexto atual - Desafios, incertezas e possibilidades. Trabalho apresentado no IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. Formação de professores. 26 a 29 de outubro, PUCPR, Paraná. P. 6863 -6876. 2009.
- GARCÍA, M. C. **Formação de professores para uma mudança educativa.** Porto: Porto, 1999.
- GATTI, B.; BARRETTO, E. S. S. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília, DF: UNESCO, 2009.

- GIOVANNI, L. M; MARIN, A. J. **Professores iniciantes diferentes necessidades e diferentes contextos**. Junqueira e Marin editores. Araraquara, SP, 2014.
- GODEGUEZ, A.D. **O Programa Mesa Educadora e suas contribuições para a formação de professores da educação infantil em São Caetano do Sul**. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (PUC-SP) São Paulo, 2016.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 1995. p. 31-61.
- ILHA, F.R.D; HYPOLITO, A. M. O trabalho docente no início de carreira e sua contribuição para o desenvolvimento profissional do professor. **Práxis educacional**. Vitória da Conquista. v.10, n. 17, jul/dez 2014, p.99-114.
- LIMA, E. F. A construção do início da docência: reflexões a partir de pesquisas brasileiras. **Revista Educação**. Santa Maria-RS. v. 29, n. 2, p. 85-98. 2004.
- LIMA, E. F. de. (Org.) **Sobrevivências no início de carreira**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.
- MACHADO, J. S. Trilhando pesquisas sobre professores iniciantes: um estudo do estado da arte. **Revista Humanidades e Inovação** v.4, n. 2. 2017.
- MACHADO, L.B; RAPOSO, M.M; CASTRO, T. R. Representações Sociais do bom professor nos ciclos de aprendizagem. **Revista de Administração Educacional**. Recife; v.1, n.2. jul./dez.2015.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. 291p.
- MURY, R. C. X. Profissionalização docente: da aderência à vocação. Trabalho Apresentado na 34ª Reunião Anual da ANPEd, 2011, Natal, RN. Educação e Justiça Social, 2011. **Anais da 34ª Reunião**.
- NONO, M. A. **Professores Iniciantes: O papel da escola em sua formação**. Porto Alegre: Ed. Mediação. 2011.
- PAPI, S. e MARTINS, P. Professores iniciantes: as pesquisas e suas bases teórico-metodológicas. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n. 27, jul./dez. 2009. p.251-269,
- PAPI, S. O. G. CARVALHO, C. B. Professores iniciantes: um panorama das investigações brasileiras. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 16(1): 2013. p.186-202.
- QUEIROZ, A.M. **Professoras iniciantes da educação infantil: percursos de aprendizagem da docência**. Dissertação (Mestrado em educação). Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande-MS, 2013.
- SÁ, C. P. de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- SOUZA, K.S. M de. et al. A aprendizagem de ser professor em início de carreira. **Comunicações**, Piracicaba. Ano 23. n.1 Jan/abr 2016, p. 41-63.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

NOTAS

ⁱ Ser professor: consensos e variações nas representações sociais de docentes em início de carreira - (CNPq Processo Nº 443378/2015-0).

ⁱⁱ Esta pesquisa insere-se nesses novos investimentos, pois aborda um grupo ampliado de professores de toda a educação básica, envolvendo docentes da educação infantil, anos iniciais e finais do ensino fundamental e ensino médio.

ⁱⁱⁱ *Congreso Internacional sobre Profesorado Principiante e Inserción Profesional a la Docencia*. Santiago do Chile, fevereiro de 2012

^{iv} Os demais trabalhos foram desenvolvidos em cursos de pós-graduação em História, Geografia, Letras, Linguística e Desenvolvimento Humano.

^v Na atualidade, podemos nos referir à quarta vertente, a epistemologia dialógica das representações sociais, que valoriza os processos linguísticos e tem como principal protagonista Yvana Marková

^{vi} As Unidades de Contexto Elementar (UCEs) são segmentos de texto, extraídos pelo *software* em função do corpus analisado. Nesses segmentos são encontradas as palavras que compõem cada classe. As UCEs são agrupadas em função da semelhança e da diferença no vocabulário, depois disso são extraídas as palavras significativas para cada classe.

^{vii} Codificamos os participantes utilizando a letra P (abreviatura de professora) seguida EI (abreviatura de Educação Infantil) e o nº do protocolo de entrevista

^{viii} Eram Auxiliares de Desenvolvimento Infantil (ADI) ou professor de português, no caso dos dois formados em Letras.

Recebido em julho de 2021

Aceito para publicação em setembro de 2021